MAS AFINAL, DINHEIRO DÁ EM ÁRVORES ?

Maria Lúcia

Eu costumo contar que durante anos da minha vida não tinha nenhuma noção que era necessário ter dinheiro para viver e sobreviver. Cresci entre fazendeiros e passei a minha infância assistindo aqueles homenzarrões sentados em suas poltronas preferidas, a fumar seus cigarros no desfrute de um ócio remunerado e satisfatório para todos.

Era uma geração atrás da outra que vivia as custas dos bois e outras maneiras produtivas que não exigiam um horário, um local, uma saída para o trabalho.

Cresci vendo chegar comida em casa em abundância e sem notas fiscais ou qualquer outro tipo de pagamento. Na despensa tínhamos uma “túlia”, um enorme balcão com divisórias funda onde cabiam sacas de sessenta quilos dos mantimentos essenciais, tais como feijão, arroz, farinha, açúcar, milho e outros. Os embutidos eram fabricados na fazenda ou ali mesmo na cozinha da nossa casa.

O leite vinha em “tarros” e passávamos uma tarde inteira a sacudir uma latinha de leite ninho cheia de nata fresca, que ao final de tantas sacudidas virava uma manteiga amarelinha e saborosa.

Os pães, bolachinhas e biscoitos eram confeccionados no forno grande que ficava no galpão da lenha. A lenha vinha em “achas” grossas, mais gravetos e toras de madeiras para ascender o fogão e a lareira.

Os doces eram produzidos no quintal da casa onde se colocava no chão uma “trempe” de ferro trançado para apoiar o tacho de cobre e ir mexendo o doce até ficar no ponto.

As frutas nasciam e cresciam ali no quintal que ia de um quarteirão ao outro. Cresci entre parreiras, pessegueiros, laranjeiras, macieiras, ameixeiras, pereiras, figueiras e outras árvores frutíferas deliciosas. A cada estação tínhamos as fruteiras cheias e as compotas se acumulavam nas prateleiras para garantir a sobremesa no inverno. Os legumes e hortaliças

vinham da horta, cultivada e aguada todos os dias por um de nós, as cenouras saiam direto da terra para uma batidinha na barra do vestido e iam direto para a boca, cenoura com terra é bom para a saúde diziam por lá.

E ainda tínhamos um galinheiro, que nos garantia a canja de galinha quando se ficava doente ou a galinhada com bastante pimenta nos dias de festejos. Os ovos para a ambrósia, para o papo de anjo, para o merengue, a banha de porco, a carne de ovelha ou de boi e muitas outras coisas vinham direto da fazenda e ali vivíamos na fartura, sem precisar bater ponto, enfrentar o trânsito, agüentar o chefe ou esperar o salário no fim do mês.

Aluguel não existia, a casa era própria. Que se pagava água e luz a cada mês nunca ouvi falar. O gás demorou a chegar e durava um ano, já que o fogão só era usado para esquentar a água do chimarrão ou fazer o café da tarde.

De verdade me lembro de ir ao armazém comprar a erva mate e o café, o resto parecia que caia do céu.

A terra continuava firme, nunca ia se acabar e nem seria invadida, todos os senhores podiam continuar a fumar seus cigarros, a jogar seus carteados, a tomar seu chimarrão, a viver ali placidamente com suas mulheres e filhos num convívio morno entre várias gerações.

Assim passei minha infância e adolescência. Não escolhi um fazendeiro para me casar e muito cedo juntei minha juventude e minha coragem e fui embora dar início a minha própria vida.

Logo após uns quinze dias de casada, me deparei com um homem, que levantou bem cedo e ao invés de ir tomar o costumeiro chimarrão, vestiu o, sobretudo e foi trabalhar. Foi tão diferente, que fiquei ali parada, ainda de camisola, sem saber se fazia o chimarrão ou a mala.

E assim entendi que o meu marido era um funcionário público, mal remunerado que enfrentava o ônibus, tinha chefe, batia ponto e cumpria carga horária. Minha vida se transformou muito desde então, no auge da minha juventude eu era uma senhora casada.

Fui amadurecendo e arriscando minha inteligência e força de trabalho na comunidade onde vivia, comecei então a entender o que minha mãe fazia dia após dia na máquina de costura, que ir para a fazenda significava trabalho e por que meu marido saía tão cedo.

Lembro-me que um dia, passeando em Porto Alegre paramos na frente da Pelaria

Européia e eu fiquei apaixonada por um casaco de peles cor-de-rosa. Comentei como que para mim mesma que nunca teria um casaco como aquele ao que ele reagiu dizendo que eu teria sim um casaco de peles, pois ele teria sem dúvida um iate.

Moral da história, eu nunca tive um casaco de peles, ele nunca teve um iate e afinal

descobri desolada que dinheiro não dá em árvores.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/mas-afinal-dinheiro-da-em-arvores>